

O ANTIPLATONISMO DE GILLES DELEUZE: LENDO A “TRIGÉSIMA SEGUNDA SÉRIE” DA LÓGICA DO SENTIDO

Lauro Iane de Moraes
William de Siqueira Piauí¹⁹²

Resumo: Além de explicitarmos o lugar comum referente ao platonismo consistir numa tese filosófica que sustenta a realidade objetiva das ideias, tal como exposto em manuais específicos da área, como o **Dicionário de filosofia** de Nicola Abbagnano, buscaremos delinear a natureza e as consequências da chamada “reversão do platonismo” pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) em sua **Lógica do Sentido**, obra dedicada à tarefa de destituir as essências do lugar central que elas ocupavam na metafísica clássica, reduzindo-as a meros efeitos de superfície estéreis e sem realidade por si mesmas. No presente artigo buscaremos problematizar a seguinte questão: e se o antiplatonismo do filósofo francês for, ele próprio, um mero efeito de superfície que elude um idealismo mais fundamental de sua filosofia ao menos antes de **O anti-Édipo**?

Palavras-chave: Convencionalismo. Naturalismo. Filosofia da linguagem. Cratilismo. Psicanálise.

Abstract: Besides presenting the standard conception of platonism as a thesis that advocates in favor of the objective reality of ideas, such as it has been treated in Nicola Abbagnano’s **Philosophy Dictionary**, we are going to outline the nature and consequences of the so-called “reversal of platonism” by the French philosopher Gilles Deleuze (1925-1995) in his **Logic of Sense**, a work dedicated to the task of the disposing of the essences from the central place in which they stood in classical metaphysics, reducing them to mere surface effects without any reality by themselves. In this paper, we are going to problematize the following question: what

¹⁹² Respectivamente: MORAIS, L. I. Licenciado em filosofia, mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS). Foi professor na Universidade Estadual Vale do Acaraú (2021-2022) e atualmente é professor na SEDUC-AL (2022) (e-mail: lauromorais@msn.com). PIAUÍ, W. S., doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e atualmente professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (e-mail: piauiusp@gmail.com). Especialmente no que diz respeito à exegese do texto platônico **Crátilo**, o presente artigo se encontra mais desenvolvido no texto “O antiplatonismo de Gilles Deleuze: lendo a “Trigésima segunda série” da **Lógica do Sentido** a partir do **Crátilo**”, no prelo.

if the French philosopher's anti-platonism is, itself, a mere surface effect that eludes a deeper idealism in his philosophy, especially in the one which precedes the **Anti-Oedipus**?

Keywords: Conventionalism. Naturalism. Philosophy of language. Cratylism. Psychoanalysis.

TEÓFILO. Muitíssimo bem; mas isso não faz ver senão aquilo que acabo de dizer; pois como a criança vai por abstração da observação da ideia do homem para aquela da ideia do animal, ela saiu daquela ideia mais específica, que ele observava em sua mãe ou em seu pai e em outras pessoas, para aquela da natureza humana. Pois para julgar que ele não tinha qualquer ideia precisa a respeito do indivíduo, basta considerar que uma semelhança banal a enganaria facilmente e a faria tomar uma outra mulher por sua mãe, a qual não o é absolutamente. Você conhece a história do falso Martin Guerra...

Leibniz *Novos ensaios* (III, 3)¹⁹³

A infância não se afastou. Para onde fugiu então? [...] Dessa época já eu me lembro, e mais tarde adverti como aprendera a falar. Não eram pessoas mais velhas que me ensinavam as palavras, com métodos, como pouco depois o fizeram para as letras. Graças à inteligência que Vós, Senhor, me destes, eu mesmo aprendi, quando procurava exprimir os sentimentos do meu coração por gemidos, gritos e movimentos diversos dos membros, para que obedecessem à minha vontade. Não podia, porém, exteriorizar tudo o que desejava, nem ser compreendido daqueles a quem me dirigia. Retinha tudo na memória quando pronunciavam o nome de alguma coisa...

Agostinho *Confissões* (I, 8)¹⁹⁴

Os humanos e os animais sexuais 'não sabem', a ambos falta uma base instintiva estável e firme da sua sexualidade; no entanto, os animais simplesmente não sabem, ou seja, não sabem que não sabem, são simplesmente desorientados, em perda, enquanto os humanos sabem que não sabem, registram o seu não-saber e buscam o saber (esta busca é aquilo que constitui a 'sexualidade infantil')

ŽIŽEK *Plantas, animais, humanos, pós-humanos*¹⁹⁵

INTRODUÇÃO

Seria possível um antiplatonismo idealista? Um lugar comum da história da filosofia parece identificar platonismo imediatamente ao idealismo, o que parece estar registrado em

¹⁹³ In *Leibniz e a linguagem I: línguas naturais, etimologia e história*. PIAUÍ, W. S. (org.). Curitiba: Kottter, 2019.

¹⁹⁴ Na tradução de J. Oliveira Santos. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 1987.

¹⁹⁵ In *Sexo e absoluto falhado*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2020.

manuais específicos da área, como o **Dicionário de filosofia** de Niccola Abbagnano: “Assim [...] Platão [(427-327 a.C.)] foi considerado realista porque a admitia a realidade das ideias [...], mas também foi definido como idealista porque tratava de ideias” (ABBAGNANO, 2005, p. 834). Segundo esta opinião padrão em história da filosofia, podemos associar Platão ao realismo e, por sua vez, o realismo ao idealismo: desse modo, o platonismo consistiria numa tese filosófica que sustenta a realidade objetiva das ideias¹⁹⁶. Ora, é precisamente tal concepção padrão em história da filosofia que buscaremos problematizar no presente artigo a partir da **Lógica do Sentido**, do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995).

Na medida em que o prefixo “anti” indica negação, “anti-idealismo” significaria a negação de tal realismo das ideias. Neste sentido, “antiplatonismo” significaria o mesmo que “anti-idealismo”. E este parece ser o sentido, ainda que preliminar, da reversão do platonismo da filosofia de Deleuze: destituir as essências de seu lugar central na ontologia tradicional, reduzindo-as a meros efeitos de superfície estéreis e sem realidade por si¹⁹⁷. Assim, nossa pergunta sobre a possibilidade de um antiplatonismo idealista pareceria envolver termos auto excludentes. Mas, é precisamente tal possibilidade que pretendemos por hora investigar, levantando a seguinte questão: e se tal concepção de antiplatonismo for, ela própria, um mero efeito de superfície que elude um idealismo mais fundamental da filosofia deleuziana? Esta parece ser precisamente uma das descobertas de Alain Badiou (1937-) em seu comentário, **Deleuze: o clamor do ser**, ao afirmar que “No fundo, o deleuzismo é um platonismo reacentuado” (BADIOU, 1997, p. 37).

Para além de todas as querelas exegéticas da correta ou não interpretação da filosofia deleuziana por Badiou, acreditamos que tal identificação de Deleuze a Platão (que é um dentre muitos outros de seus rivais explícitos) nos permitiria compreender uma parte importante de

¹⁹⁶ Para uma introdução a tal problemática, valeria a pena dar uma lida no nosso artigo “Querela da realidade dos objetos lógicos-matemáticos: uma introdução à filosofia moderna”. In: **Kalagatos: revista de filosofia**, v. 11, n. 21, 2014, p. 523-549 e em todo o capítulo II do nosso livro já mencionado **Leibniz e a linguagem I: línguas naturais, etimologia e história**, onde traduzimos o Livro III dos **Novos ensaios** de Leibniz e oferecemos uma ampla gama de notas onde tratamos do clássico, quando o tema é filosofia da linguagem, **Crátilo** de Platão. Outro texto que pode ajudar é nosso capítulo de livro “O Leibniz de Deleuze: uma introdução à *Lógica do sentido*”, In: **Mônada e ainda uma vez substância individual**. PIAUÍ, W. S. et al. (org.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

¹⁹⁷ Ainda, segundo a leitura deleuziana da história da filosofia, esta seria a descoberta mais importante dos estoicos e que os tornam um marco da filosofia da linguagem: o fato de terem destituído as ideias de sua substancialidade, reduzindo-as à categoria de extra-ser inerte, a quase-causa incorporal, que subsiste e depende das causas corpóreas que as produzem: “Genialidade dos estoicos, a de ter levado esse paradoxo ao ponto máximo, até a demência e ao cinismo, a de tê-lo fundado nas mais sérias razões: a recompensa é a de terem sido os primeiros a elaborar uma filosofia da linguagem” (DELEUZE-GUATTARI, 2011 [**Mil platôs**], p. 28).

sua própria filosofia: a reversão do platonismo. Mas como poderíamos utilizar aquilo que um filósofo não disse para compreendermos aquilo que de fato ele disse?

1. MOBILISMO VERSUS IMOBILISMO: LENDO A PRIMEIRA SÉRIE DA LÓGICA DO SENTIDO

Em termos metodológicos, devemos fazer um breve interlúdio para respondermos a esse problema antes que avancemos nossa investigação, buscando solucioná-lo a partir do comentário do filósofo esloveno Slavoj Žižek à obra de Deleuze, o **Órgãos sem corpos: Deleuze e suas consequências**. O filósofo esloveno nos diz:

Se uma pessoa não repete um autor, mas apenas o “critica”, move-o para outro lado, vira-o ao contrário e assim por diante, isso significa na verdade que essa pessoa, por ignorância, permanece dentro do horizonte desse autor, dentro de seu campo conceitual (ŽIŽEK, 2008, p. 31).

Ora, ainda que isto não tenha sido diretamente formulado por Žižek em seu comentário, podemos aventar a seguinte hipótese: e se este for exatamente o caso e Deleuze com Platão? Parece-nos que este foi um dos insights mais relevantes de Badiou no comentário supramencionado. E se a reversão do platonismo empreendida por Deleuze for um sintoma de sua incapacidade de ultrapassar o horizonte teórico do platonismo e na verdade represente uma nova repetição de Platão? Neste caso, poderíamos utilizar a filosofia de Deleuze para compreender a filosofia de Platão, e então, utilizar a filosofia de Platão para esclarecer a filosofia de Deleuze. Nisto consistirá o objetivo do presente artigo: de modo muito introdutório, ler a **Lógica do Sentido** para compreendermos o diálogo **Crátilo**, a partir de uma certa leitura deleuziana de Platão, e, então, compreendermos retroativamente como a **Lógica do Sentido** busca responder às questões deixadas em aberto pelo **Crátilo**.

Mas por que este diálogo e não qualquer outro? Diz-nos Deleuze na “Primeira série” da **Lógica do Sentido**:

Platão convidava-nos a distinguir duas dimensões: 1º) a das coisas limitadas e medidas, das qualidades fixas, quer sejam permanentes ou temporárias, mas supondo sempre freadas assim como repousos [imóveis], estabelecimentos de presentes, designações de sujeitos [lógicos]: tal sujeito tem tal grandeza, tal pequenez em tal momento; 2º) e, ainda, um puro devir sem medida, verdadeiro devir-louco que não se detém nunca, nos dois sentidos ao mesmo tempo, sempre furtando-se ao presente, fazendo coincidir o futuro e o passado, o mais e o menos, o demasiado e o insuficiente na simultaneidade de uma matéria indócil [...]. Reconhecemos esta dualidade platônica. [...] Ocorre até mesmo a Platão perguntar se este puro devir não estaria

numa relação muito particular com a linguagem: tal nos parece [ser] um dos sentidos principais do *Crátilo*. (DELEUZE, 2015, p. 1-2)¹⁹⁸

Portanto, está aí colocada a relevância de tal obra para nosso trabalho exegético: trata-se do que Deleuze viu neste diálogo e o que tal visão teria despertado nele. Por ora, podemos apenas apontar, contando com a paciência de nosso leitor, que tal problema referente a como a linguagem pode se ligar ao ser, ou, em última análise, como o pensamento se liga ao ser por meio da linguagem, parece ter sua resposta na “Trigésima segunda série” da **Lógica do sentido**, onde o filósofo francês tematiza o processo de aquisição da linguagem e, portanto, de como é produzida a associação entre os signos e seus conteúdos semânticos. Daí a importância de lermos tal série a partir do problema da significação natural da linguagem tal como exposto no **Crátilo**.

E, de saída, afirmamos que a crítica deleuziana à filosofia da linguagem platônica se referirá principalmente àquela primeira dimensão, a da imobilidade, “a das coisas limitadas e medidas, das qualidades fixas, quer sejam permanentes ou temporárias, mas supondo sempre freadas assim como repousos”; pois, se é necessário reconhecer uma diferença de natureza entre o nome e a coisa por ele representada, por que o postulado da forma/Ideia como fundamento da identidade da coisa nomeada tornaria unívoca a relação entre representação e representado? Afinal, não estaríamos nós cerrados no dilema: (1) se é possível haver duas coisas distintas, não haveria também duas essências distintas, a essência do nome e a essência da própria coisa nomeada, sua Ideia/Forma, no entanto, neste caso, como seria uma a essência da outra, houvesse entre elas nada de semelhante? ou (2) se a Ideia mantém semelhança com o nome que a nomeia, então basta utilizar o nome correto para se apreender Ideia, porém, neste caso, haveria diferença alguma entre nome e coisa nomeada¹⁹⁹? Por esta razão, nos lembrará Deleuze, em tom jocoso, do paradoxo da carroça enunciado por Crisipo “Como diz Crisipo, ‘se dizes a palavra carroça, uma carroça passa por tua boca’ e não é nem melhor nem mais cômodo se se tratar da Ideia de carroça” (DELEUZE, 2015, p. 137). Como solucionar, então, o problema da relação entre linguagem e ser, sem apagar a distinção que os une ao mesmo tempo em que os separa?

¹⁹⁸ Retomada na série das dualidades, a “Quarta série”, da seguinte maneira: “A última palavra da dualidade não se acha neste retorno à hipótese do *Crátilo*. A dualidade na proposição não é entre duas espécies de nomes, de repouso e nomes do vir-a-ser nomes de substâncias ou qualidades e nomes de acontecimentos, mas entre duas dimensões da própria proposição: a designação e a expressão, a designação das coisas e a expressão de sentido” (Idem, p. 27).

¹⁹⁹ Talvez uma das principais questões do **De magistro** de Agostinho.

Para Platão, a possibilidade de nomeação e, por esta razão, também de conhecimento do Ser, reside na capacidade que os nomes têm de representar as essências, já que essas não estão em devir. Ao nome não cabe propriamente nenhuma essência, tanto quanto as essências não são propriamente nomes de algo, como o próprio Deleuze reconhece (2015, p. 137). Entretanto, se o nome for capaz de significar a essência da coisa, preservando de algum modo sua natureza, por meio de qualquer convenção ou arbítrio, então há de ser possível sua contemplação. Em suma, já que os nomes não podem ter perfeita semelhança com aquilo de que são nomes, há um mínimo de arbitrariedade entre o nome e a coisa nomeada²⁰⁰. É, portanto, necessário que eles sejam convencionados para representar aquilo de que são nomes. A linguagem não tem o privilégio de *ser* semelhante aos seres, mas de *dizer* o que há de semelhança nos seres, nomeando sua forma ou essência. Por esta razão, o conhecimento pode apenas residir naquilo que está em repouso e é estável, não no que devêm e está em movimento:

Mas nem é possível falar de conhecer, Crátilo, se todas as coisas mudam de forma e nada permanece. Pois se ele mesmo, o conhecimento (*γνώσις*), é conhecimento de algo, não muda de forma, e permanecerá sempre conhecimento e será conhecimento. Mas se a forma (*εἶδος*) mesma do conhecimento muda, ao mesmo tempo mudará para uma outra forma de conhecimento e também não há de ser conhecimento; e se muda de forma sem cessar, não será sempre conhecimento, e partindo desse raciocínio, não haverá aquele que conheça nem aquilo a ser conhecido. Mas se houver sempre quem conhece, haverá aquilo que é conhecido, e existirá o belo, existirá o bom e existiria cada um dos seres; e não me parece que estes, que agora falamos, sejam semelhantes nem ao fluxo nem ao movimento. (PLATÃO, 2010, p. 143-4)

Ora, a associação do imobilismo ao naturalismo da linguagem *via* teoria das formas parece ser o motivo da recusa platônica ao artifício das etimologias, tais como aquelas realizadas por Crátilo. Se o devir apaga os traços da semelhança e impede a imitação do semelhante pelo semelhante, a própria investigação de como os termos primitivos estabeleceram significações naturais que foram, posteriormente, submetidos a variações do tempo que colocaram sua forma em movimento é absurda, ou como nos é dito por Sócrates ao realizar esses trabalhos etimológicos com Hermógenes: “eu já percebo que as coisas a respeito dos nomes primitivos são ultrajantes e ridículas” (PLATÃO, 2010, p. 129). O que não significa dizer, entretanto, que os nomes não tenham como finalidade ou não sejam naturalmente voltados para a apreensão da Forma/Ideia; na verdade, é para isso que eles servem e nisto

²⁰⁰ Parece-nos que será preciso esperar o advento da filosofia cristã e a problemática da língua primeira ou adâmica para que a etimologia, ou aquilo que caracterizamos como linguística histórica, possa se constituir como disciplina no início do século XVII, revitalizando assim o interesse pelo **Crátilo** e pelo naturalismo cratiliano. (Cf. **Leibniz e a linguagem (I) línguas naturais, etimologia e história**).

consiste sua natureza: apreender a essência do ser. Em suma, a relação entre Ideia e nome ainda é natural, apesar de ser em alguma medida arbitrária e dever ser convencionalizada para que realize sua finalidade.

Parece ser esse motivo, portanto, da retomada da investigação acerca da origem do nome “ciência” (*ἐπιστήμη*) por Platão no final do diálogo, uma vez que este conceito parece se ligar mais à noção de estabilidade e eternidade das formas do que ao devir e fluxo do ser, tornando ambíguo se o que realmente se conhece é o ser estável e fixo ou o devir em constante fluxo:

Observemos então, primeiramente tomando dentre eles este nome, a “ciência” (*τὴν ἐπιστήμην*), na medida em que é ambíguo (*ἀμφίβολόν*), pois ele parece significar mais o que *fixa* (*ἵστησιν*) nossa alma às coisas do que o que se move junto e ao redor delas, e é mais correto falar o seu início [o início da palavra], como agora o fazemos, do que inserir o *épsilon* para falar *epeistemen* (*ἐπεῖστίμη*). [Por isso,] devemos inserir um *iota* em vez do *épsilon* [isto é, para se indicar que a “ciência” (*ἐπιστήμη*) é aquilo que fixa (*ἵστησιν*) nossa alma às coisas, manteve-se a pronúncia com *iota* no prefixo *epis* em vez do *épsilon*, como seria no prefixo *epeis*]. Em seguida o “estável” (*βέβαιον*), que é uma imitação de uma certa *base* (*βάσεως*) e de uma *estabilidade* (*στάσεως*), mas não do *movimento* (*φορᾶς*). Depois a “narração” (*ἱστορία*), de certo modo, significa que *ela fixa o fluxo* (*ἵστησι τὸν ῥοῦν*). O “crível” (*πιστόν*) significa exatamente o *cravar* [ou fixar] (*ἱστᾶν*). Depois a “memória” (*μνήμη*) indica a todos que, de algum modo, há uma *permanência* (*μονή*) na alma, mas não o *movimento* (*φορά*). [...] **Penso também que, se alguém se esforçasse, descobriria muitos outros nomes, a partir dos quais pensaria que quem estabeleceu os nomes indicaria, por outro lado, que as coisas não se deslocavam nem se moviam, mas que permaneciam.** (PLATÃO, 2010, p. 140-1, modificação e grifo nossos)²⁰¹

Será precisamente esse ponto, referido naquele trecho da “Primeira série” da **Lógica do sentido** já citado, que Deleuze retomará problematizando a relação entre linguagem e ser exposta no **Crátilo**. A partir do tema da significação natural dos nomes, a oposição entre uma ontologia mobilista e outra imobilista deve ser substituída pela complementação de ambas num mesmo sistema diferencial reafirmada na “Quarta série”:

A última palavra da dualidade não se acha neste retorno à hipótese do *Crátilo*. A dualidade na proposição não é entre duas espécies de nomes, de repouso e nomes de vir-a-ser, nomes de substâncias ou qualidades e nomes de acontecimentos, mas entre duas dimensões da própria proposição: a designação e a expressão, a designação de coisas e a expressão de sentido. [...] Tal é o último deslocamento da dualidade: ela passa agora para o interior da proposição. (DELEUZE, 2015, p. 27)

²⁰¹ Platão conclui aqui a impossibilidade do mobilismo quanto à filosofia da linguagem, reafirmando sua hipótese já proferida nos passos 397b-c, segundo a qual os nomes se dividiriam em duas espécies: aqueles para as coisas estáveis e em repouso, as próprias, e aqueles para as coisas em devir e em transformação, as outras: “[Sócrates:] [...] é razoável descobrirmos aqueles [nomes] que são corretamente atribuídos àquilo que é eterno e natural (*τὰ ἀεὶ ὄντα καὶ πεφυκότα*). Pois é sobretudo aí que convém [c] ocupar-se a atribuição dos nomes, e talvez alguns deles tenham sido atribuídos por uma força mais divina do que humana” (PLATÃO, 2010, p. 98).

Por conseguinte, em certa reafirmação do ponto de vista estoico²⁰², trata-se de substituir a oposição entre devir e ser que pressupunha duas essências exclusivas e, por isso também, duas espécies exclusivas de nomes para se demonstrar a complementação entre ambos no sistema da linguagem: ser é o que é dito do devir, tanto quanto o acontecimento é o expresso da proposição. Não que existam dois seres cujas naturezas sejam contraditórias, um em fluxo e outro estável etc; mas o devir é o que subsiste no ser, descrevendo uma certa estabilidade, pois o devir é uma dimensão interior ao próprio domínio das coisas em repouso, mas que realiza uma constante oscilação entre diferentes lugares predispostos nas relações entre entes que se apresentam na linguagem. Assim, o devir é o expresso do ser, pois ele é o acontecimento que subsiste na expressão que nomeia o ser. Neste sentido, a coextensividade do devir ao acontecimento o torna uma “não-entidade existente” de natureza linguística, ou seja, uma abertura ontológica cuja natureza é propriamente lógica e subsiste na linguagem, pois ela envolve a totalidade das possibilidades de existência que serão necessariamente não realizadas por sua atualização no ser. Ou como nos diz Deleuze:

Mas é próprio da linguagem, simultaneamente, estabelecer limites e ultrapassar os limites estabelecidos: por isso compreende termos que não param de deslocar sua extensão e de tornar possível uma reversão da ligação [isto é, da ordem] em uma série considerada (assim, demasiado e insuficiente, muito e pouco). O acontecimento é coextensivo ao devir e o devir, por sua vez, é coextensivo à linguagem. (DELEUZE, 2015, p. 9)

Assim, o lugar privilegiado da linguagem como sistema diferencial que integra ser e devir encontra-se bem fundado, porque, de um lado, é a partir da expressão que os limites e repousos, por meio do qual a designação de estados de coisas, a manifestação de sujeitos e a significação de conceitos é tornada possível, são estabelecidos, mas também, por outro lado, pela ambiguidade que subsiste na própria expressão enquanto possibilidade jamais plenamente atualizada por aquilo que é limitado e atualizado enquanto ser. Isto significa dizer que o Mesmo, tornado possível na linguagem, não pode existir senão conjuntamente com o Outro que nele se inclui pelo modo específico de sua exclusão: senso e não-senso inseparáveis. Assim, a dualidade entre devir e ser deixa de opor naturezas qualitativamente distintas e cuja existência seriam contraditórias para incidir em um mesmo meio comum, a linguagem, dotado de atributos qualitativamente distintos: uma primeira dimensão da linguagem é aquela na qual limites e repousos são estabelecidos e o ser é apreendido ao mesmo tempo que é atualizado por sua

²⁰² Cf. a nota 197 do presente artigo.

expressão; uma segunda dimensão é aquela na qual as possibilidades de existência coexistem e tornam possível uma nova atualização naquilo que é expresso. É precisamente a resposta quanto a como a linguagem pode tornar possível essa segunda dimensão da existência, de possibilidades perpetuamente ainda não atualizadas na expressão, que a “Trigésima segunda série” da **Lógica do sentido** buscará desenvolver. Parece ser nessa série que se encontrará a recusa da dualidade platônica e a realização do empreendimento deleuziano de superar essa oposição.

2. O PROBLEMA DO SURGIMENTO DA LINGUAGEM: LENDO A TRIGÉSIMA SEGUNDA SÉRIE DA LÓGICA DO SENTIDO

Nesta série, Deleuze buscará demonstrar como vocalizações, que são meramente sons, podem se associar a significados, retomando assim o problema do **Crátilo**: como pode haver linguagem? Tal questão só pode ser respondida a partir de uma teoria da sensibilidade que mostre como vocalizações podem adquirir sentido²⁰³. Em termos linguísticos, isto significa responder à seguinte pergunta: de que modo a parte mínima da fala, os fonemas, podem se combinar a fim de veicular significado, produzindo morfemas e, estes podem, por sua vez, formar semantemas? Será necessário, portanto, que os sons, que têm uma existência somente material, possuam a capacidade de diferenciação interna e que possibilite aos fonemas participarem de um todo organizado e provido de sentido. Na medida em que a ordem ou sentido dos fonemas é condição de possibilidade para a inteligibilidade dos morfemas, que são os elementos mínimos providos de significado, resta determinar como pode ser produzido tal sentido ou ordem no plano dos corpos. A própria possibilidade do pensamento, enquanto dimensão que liga a linguagem ao ser, depende desta dedução.

Trata-se, portanto, de problematizar a gênese do pensamento a partir da matéria, daí a necessidade de se estruturar a experiência de nosso corpo físico e de sua capacidade de emitir sons e vocalizar para compreender como o pensamento surge destes processos estritamente materiais. É em razão dessa gênese que a psicanálise ganhará sua relevância na **Lógica do Sentido**, com sua concepção de transformações energéticas de pulsões corporais que são

²⁰³ O que lembra a problemática do, dentre muitos outros, “De affectibus – Sobre os afetos: onde [se trata] da potência, da ação, da determinação (1679)” de LEIBNIZ, G. W. In **O manguezal – Revista de filosofia**, v. 2, n. 10 (Dossiê *Schiller*), 2021.

reinvestidas por uma série causal em atividades cerebrais. Assim, satisfações e excitações musculares, nervosas etc podem produzir ressonâncias em nosso pensamento, constituindo a base de uma teoria da origem sexual da linguagem. Nos diz Deleuze:

A teoria de uma origem sexual da linguagem [...] é bem conhecida. Mas mais **precisamente devemos considerar a posição sexual enquanto intermediária** [entre o estágio pré-sexual do desenvolvimento humano e o de latência] e **enquanto produz sob seus diferentes aspectos [...] os diversos tipos de séries**: qual sua incidência, qual a incidência delas sobre a gênese dinâmica [do pensamento] e **a evolução dos sons?** (DELEUZE, 2015, p. 236, grifo nosso).

Desse modo, Deleuze pode retomar a arbitrariedade da associação entre os nomes e seus significados não por meio do convencionalismo à la Hermógenes, mas de uma estética. Se, por um lado, a gênese da linguagem não pode ser encontrada no dado imediato da linguagem, seus significados, por outro lado, o meio que produz a associação desses significados aos nomes não é mais externo, mas sim interno e, neste sentido, ele se funda na natureza de nosso corpo: nem Platão do **Crátilo**, nem Agostinho das **Confissões** I/8, nem Leibniz de **Novos ensaios** III/1-3. Trata-se, portanto, da rejeição do idealismo exposto no diálogo platônico, já que se não podemos falar de convencionalismo, tampouco podemos falar de naturalismo como um caso de conteúdos semânticos que preexistiriam e que seriam apresentados por meio de nomes: o naturalismo reaparece aqui mais uma vez associado ao mobilismo, pois se, por um lado, a linguagem representa o ser, por outro lado, ela pode apenas ser compreendida a partir do movimento imanente pelo qual seus elementos mínimos, os fonemas, se tornam significantes, isto é, formam morfemas. Por esta razão, para compreendermos como a linguagem adquire significado, devemos primeiro compreender como é estruturada a experiência humana, pois é no decorrer dessa que tanto os fonemas são diferenciados quanto eles adquirem a capacidade de se combinar de modo determinado e assim ter sentido e veicular significados. A hipótese do mobilismo cratiliano pode mais uma vez ser restaurada, dado que é no próprio devir da linguagem que o surgimento dos significados deve ser explicado.

É neste horizonte que a experiência infantil adquire sua relevância, pois como nos diz Deleuze:

Se a criança se depara com uma linguagem preexistente que não pode compreender, talvez, inversamente, apreenda o que não sabemos mais apreender em nossa linguagem possuída: **as relações diferenciais entre fonemas** (DELEUZE, 2015, p. 237, grifo nosso).

A compreensão das relações diferenciais entre fonemas aqui referida diz respeito, antes de mais nada, à gênese da consciência fonética infantil, ou seja, à capacidade que adquirimos

de separar os sons, diferenciando-os e organizando-os em fonemas. Para demonstrar como a linguagem é adquirida é preciso então demonstrar como essa “consciência” fonética é desenvolvida pela criança, uma vez que a capacidade de reconhecimento e separação dos fonemas está diretamente ligada à sua própria capacidade de vocalizar. O que significa dizer que quando a criança está emitindo vocalizações, ela não está simplesmente produzindo sons, mas imitando sons que lhe aparecem desprovidos de sentido, oriundos da linguagem já adquirida pelos adultos. Assim, o problema da imitação por meio da linguagem é retomado, porém já dissociado do problema da significação natural dos nomes que permeava tanto o cratilismo quanto o platonismo, pois se no devir da linguagem ocorre por meio da imitação, esta é tão somente formal e não incide sobre seu conteúdo: a criança apenas imita sons que se lhe apresentam desprovidos de sentido e os primeiros nomes que surgem não visam nenhum conteúdo determinado, pois a repetição infantil dos fonemas não é, em princípio, significativa.

Neste sentido, a imitação que torna possível a linguagem pode ser mais bem colocada como um caso de repetição: o objeto causa da repetição não guarda semelhança com o repetido senão formalmente, pois se a criança busca imitar os sons de sua língua materna, que se apresentam na fala dos adultos, estes fonemas não participam do sistema da língua constituído. Desse modo, por princípio, se existe alguma forma que é imitada por meio da voz, esta semelhança formal nada implica do ponto de vista do conteúdo semântico. Portanto, a imitação/repetição se torna a própria condição de possibilidade para a diferença, mas não estabelece uma diferença do constituído ou estruturado por meio da linguagem. Dito de outro modo, a imitação não é de um conteúdo semântico suposto o mesmo, mas da própria diferença pura e estruturante, a diferença fonética antes de implicar qualquer diferença semântica.

Se, por um lado, a linguagem adulta já conta com fonemas, morfemas e semantemas como dados e cada um desses é produzido em função do outro, por outro lado, as crianças não têm essa estrutura formada. É nesta fase do desenvolvimento humano que surge a percepção das diferenças fonéticas, uma diferença tão somente formal e que não implica *a priori*, nenhuma diferença entre elementos significantes na linguagem, mas que se tornará, posteriormente, condição para o desenvolvimento dessas:

Observou-se frequentemente a extrema sensibilidade das crianças às distinções fonéticas da língua materna e sua indiferença a variações por vezes mais consideráveis pertencendo a um outro sistema [isto é, a uma outra língua que não a materna]. É aliás, isso que dá a cada sistema [de língua] uma forma circular e um movimento retroativo de direito, os fonemas não dependendo menos dos morfemas e semantemas que o inverso. É justamente isso [a sensibilidade da percepção infantil quanto às diferenças

fonéticas de sua língua materna] que a criança extrai da voz, no desfecho da posição depressiva: uma aprendizagem dos elementos formadores [da linguagem] antes de toda compreensão das unidades linguísticas formadas. (DELEUZE, 2015, p. 237, modificação nossa)

Desse modo, se, por um lado, durante o processo de desenvolvimento infantil a totalidade da estrutura fonema-morfema-semantema não pode ser encontrada, por outro lado, o cérebro infantil é capaz de compreender o elemento diferenciador que engendra a estrutura linguística. Neste caso, trata-se da própria diferença fonética. As palavras que são por ela ouvidas em sua língua materna não possuem ainda significado ou parte mínima significante, cabendo a ela dar sentido à ordem dos sons de modo a reconhecer na vocalização seus mínimos elementos, os fonemas. É por esta razão que se a língua já adquirida se utiliza de certa combinação mínima de fonemas como sendo dotada de significado, isto é, formando um morfema, a relação significante que aí se estabelece não pode ser tomada como um dado *a priori* da linguagem em geral, porque é precisamente a possibilidade do sentido da relação fonema-morfema que precisa ser demonstrada.

De acordo com o projeto deleuziano, é necessário demonstrar como as diferenças fonéticas introjetadas pela criança podem, então, se ligar às pulsões que seu corpo produz, uma vez que o próprio ato de falar deve ser incitado ou incitar tais pulsões:

O que é preciso entender aqui por ‘letra’ [entendida como representação gráfica de uma diferença fonética] não supõe nenhum domínio da linguagem, ainda menos a posse da escrita: trata-se de uma **diferença fonética em relação com a diferença de intensidade que caracteriza a zona erógena** (DELEUZE, 2015, p. 237, modificação e grifo nossos).

Assim, encontramos a possibilidade de acordo entre sons e as coisas que eles representam na convergência das diferenças fonéticas percebidas pela criança com as diferenças de intensidades de seu corpo, isto é, as diferenças fonéticas interiorizadas pela criança devem convergir com as diferenças energéticas ou pulsionais que compõem o corpo despedaçado e permeado de zonas erógenas. Neste sentido, a zona oral possuiria um privilégio bem fundado com relação às demais zonas, na medida em que a boca e órgãos adjacentes se tornam um campo onde diversas pulsões do corpo são reinvestidas pela atividade cerebral e convergem para o esforço infantil de reproduzir a fala.

No entanto, como é a imagem do falo que possui a capacidade de fazer convergir ou divergir os elementos da representação infantil, é todo o corpo infantil que se encontra então marcado pelo funcionamento do falo enquanto elemento significante: assim a criança cria uma linguagem para si mesma, construindo suas primeiras expressões para nomear coisas. A criança

passa a produzir não somente fonemas isolados, mas combinações específicas com vistas a uma finalidade. Então, surge o sentido e são produzidos os primeiros nomes – o que Deleuze denomina de palavras esotéricas. E ainda que essa produção de sentido seja, em princípio, somente adjacente às pulsões corporais infantis e não goze de uma autonomia própria às suas causas materiais, ela permite à criança apreender os primeiros elementos gramaticais da fala, isto é, as regras de combinação imanentes aos fonemas; ou, como prossegue Deleuze:

Parece-nos realmente, neste nível, que a palavra esotérica desempenha não o papel de um fonema ou elemento de articulação, mas o de um morfema ou elemento de construção gramatical representado pelo caráter disjuntivo. Ele [o morfema] remete ao falo como instância de concordância (DELEUZE, 2015, p. 238).

Desse modo, o jogo da linguagem infantil consegue inaugurar os primeiros e mínimos elementos significantes da linguagem, os morfemas, ao criar uma espécie de linguagem “privada” onde palavras esotéricas começam ser utilizadas para se referir, manifestar ou significar o mundo infantil. No entanto, na medida em que a zona genital é a que tem a função de integrar a multitude das zonas parciais espalhadas pelo corpo despedaçado da criança, o reinvestimento infantil na zona oral pela imitação/reprodução fonética encontra-se sobredeterminada pela imagem fálica enquanto órgão destacado e projetado nela²⁰⁴. Portanto,

²⁰⁴ Na entrevista ao *Liberation* de setembro de 1986, Deleuze nos diz que nunca teve qualquer relação com o estruturalismo, a linguística ou a psicanálise (DELEUZE, 2013, p. 116), no entanto, numa outra entrevista ao *Magazine Littéraire* de setembro de 1988, Deleuze não somente reconhece sua dívida à psicanálise no período anterior à sua associação com Félix Guattari, que envolve **Lógica do sentido e Diferença e repetição**, como atribui ao colega sua completa ruptura teórica que ocorrerá de **O anti-Édipo** em diante. Então, o que se pode extrair das considerações que Deleuze faz sobre sua própria filosofia? Provavelmente, a única solução a este problema se encontra não em decidir se Deleuze esteve ou não filiado à psicanálise, notadamente ao lacanismo, mas precisar o lugar/função atribuída ao conceito de falo na teoria deleuziana daquele período. Neste sentido, afirmações como as seguintes de **Lógica do sentido** deveriam ser capazes de serem localizadas dentro do esquema teórico das obras daquele período: “As zonas ou superfícies erógenas pré-genitais [por exemplo, a oral e a anal] não são separáveis do problema de sua concordância. Ora, é certo que este acordo se opera de várias maneiras: por contiguidade, na medida em que a série se desenvolve sobre uma é prolongada em uma outra série; à distância, na medida em que uma zona pode ser dobrada ou projetada sobre outra e fornecer a imagem de que a outra se satisfaz; e sobretudo indiretamente, no estágio do espelho de Lacan. Resta que a função de integração direta e global ou de concordância geral é normalmente atribuída à zona genital. É ela que deve ligar todas as outras zonas parciais, graças ao falo. Ora, a este respeito, o falo não desempenha o papel de um órgão mas o de imagem particular projetada sobre esta zona privilegiada [a genital], tanto para a menina quanto para o menino. É que o órgão do pênis já tem toda uma história ligada às posições esquizoide e depressiva. [...] É de todos estes pontos de vista que Mélanie Klein mostra que as posições esquizoide e depressiva fornecem os elementos precoces do complexo de Édipo; isto é, que a passagem do mau pênis para um bom é a condição indispensável para o acesso ao complexo de Édipo em seu sentido estrito, à organização genital e aos novos problemas correspondentes. Estes novos problemas, nós sabemos consistem: organizar superfícies e operar sua concordância. Justamente, como as superfícies implicam uma liberação das pulsões sexuais relativamente às pulsões alimentares e às pulsões destruidoras [ou agressivas], a criança pode acreditar que deixa aos pais o alimento e a potência e, em compensação, esperar que o pênis, como *órgão bom e completo*, virá se pôr e se projetar sobre sua própria zona genital, tornar-se o falo que ‘duplica’ seu próprio órgão e lhe permite ter relações sexuais com a mãe sem ofender o pai”. (DELEUZE, 2015, p. 205-6). Dito isso, já deve ser suficiente para, no mínimo, suspendermos nossas opiniões quanto às considerações que Deleuze tecia sobre sua

o processo de vocalização e incitação/excitação oral infantil remete ao falo como instância coordenadora e o falo, por sua vez, pode apenas ser compreendido por sua função enquanto elemento ausente/presente na estrutura; introduz-se assim a equívocidade na palavra esotérica que a torna capaz de significar duas séries divergentes conjuntamente:

É somente em seguida que uma tal palavra esotérica adquire um outro valor, uma outra função: a conjunção ela própria formando série de conjunto, esta série entra em relação de ressonância com uma outra série, divergente e independente. A nova série corresponde ao terceiro aspecto da posição sexual, com o desenvolvimento de Édipo, o complexo de castração e a transformação concomitante do falo tornado objeto = X. Então e somente então a palavra esotérica torna-se ela própria *palavra-valise* enquanto opera uma síntese disjuntiva das séries. (DELEUZE, 2015, p. 238).

Temos aqui a reversão do platonismo precisamente nos termos do **Crátilo**: se a origem da linguagem deve ser procurada nos nomes, esses nomes não podem ser tomados como representantes de seus significados, já que eles representam significantes apenas para outros significantes indefinidamente. A passagem desse estágio de indeterminação para o da determinação do sentido na relação signo/significado, na qual a arbitrariedade da linguagem é resolvida pela intervenção de um significante, ocorre conjuntamente com a entrada no complexo edipiano, onde as pulsões sexuais se desenvolvem sob o apoio de pulsões de conservação ou de agressividade pré-genitais. A partir de então, o fenômeno da vocalização infantil perde seu caráter automático ou “instintivo” e passa a se desenvolver como parte da economia libidinal infantil, com a zona erógena oral sendo sobredeterminada pelas pulsões oriundas da zona genital. Funcionando então sob a causalidade estrutural do falo enquanto objeto presente/ausente na estrutura, a fala adquire tanto a capacidade de sublimar, isto é, esconder a origem sexual da pulsão que a torna possível por um processo de reinvestimento,

própria filosofia e seu posterior horror à psicanálise (e a Lacan). Contudo, tal inconsistência não deveria nos parecer uma surpresa, dado o explícito gosto do filósofo francês pela ironia e seu gozo em subverter sistemas filosóficos (ainda que seja o seu próprio). De todo modo, um passo posterior da pesquisa nos levaria não somente a investigar o papel que a psicanálise cumpre enquanto paradigma de pensamento em **Lógica do sentido e Diferença e repetição** (tarefa não dificultosa, dado os inúmeros elogios à Freud e à psicanálise que ocorrem, por exemplo, na primeira obra, cf. 2015, p. 75, 218 etc), mas à determinar a função e lugar que os conceitos de falo/estrutura simbólica possuem em sua teoria naquele período anterior à sua associação com Guattari, uma vez que eles fundam não somente a estética, mas a ontologia, a filosofia da linguagem e também a epistemologia daquele período. Ainda uma outra dimensão teórica desta problemática, que é negligenciada por maior parte da literatura secundária, seria a possibilidade de uma política psicanalítica deleuziana, tema que permaneceu não desenvolvido conceitualmente, ao que tudo indica, tanto pelo sucesso da política anti-edipiana da fase posterior de Deleuze, quanto pelo próprio aborto precoce do projeto de **Lógica do sentido e Diferença e repetição**. Ainda assim, as consequências políticas deste período, inclusive do ponto de vista de uma possível microanálise do desejo, podem ser deduzidas a partir daqueles elementos teóricos da fase pré-guattariana de Deleuze, num esforço que foi empreendido por Žižek (cf. 2008) e cujos esboços tentamos realizar em “Conhecimento e necessidade: a problemática da liberdade no estruturalismo francês”, no prelo.

quanto de simbolizar, isto é, servir para tornar presente algum elemento ausente por meio de uma representação²⁰⁵. Este será precisamente o ponto utilizado por Deleuze para negar a clássica problemática em filosofia da linguagem do naturalismo versus convencionalismo, natureza-convenção, que subjazia ao **Crátilo**; como nos diz o filósofo francês na “Vigésima sétima série” dedicada ao tema da oralidade:

Quando se diz que o som [a vocalização] se torna independente, pretende-se dizer que deixa de ser uma qualidade específica atinente aos corpos, ruído ou grito, para designar agora qualidades, manifestar corpos, significar sujeitos e predicados. Justamente, o som não toma um valor convencional na designação [...] senão porque leva sua independência à superfície de uma mais alta instância: a expressividade. **Sob todos os aspectos a distinção profundidade-superfície é primeira relativamente à natureza-convenção, natureza-costume, natureza-artifício.** (DELEUZE, 2015, p. 192, grifo nosso).

Ora, o som articulado como fonema apenas adquire a capacidade de ser convencionalizado e adquirir significação sob a condição de que as pulsões corporais infantis adquiram a capacidade de serem reinvestidas numa superfície de pensamento neutro, que não está imediatamente ligado às funções psicológicas das pulsões conservativas ou destrutivas do narcisismo primário, isto é, que possam ser reinvestidas por pulsões sexuais que podem ser recalçadas e/ou sublimadas, enfim, dessexualizadas. Por meio deste processo, o objeto alvo dessas pulsões sexuais pode, então, reaparecer sob o disfarce daquilo que ele não é: as palavras adquirem então a capacidade de simbolizar ou expressar algo. Esta nos parece ser a passagem das palavras esotéricas para as palavras-valise tratadas na “Trigésima segunda série”: a partir de então, dada a ambiguidade semântica introduzida nas palavras, é necessário que se atualize um dos significados possíveis sem que se exclua as demais possibilidades de significação das inúmeras possibilidades disjuntas que ela faz convergir (DELEUZE, 2015, p. 238)²⁰⁶. Porém,

²⁰⁵ Acerca dos processos de sublimação e simbolização, nos diz Deleuze: “Chamávamos de sublimação a operação pela qual o traçado da castração torna-se linha do pensamento, logo também a operação pela qual a superfície sexual e o resto se projetam na superfície do pensamento. Chamávamos de simbolização a operação pela qual o pensamento reinveste com sua própria energia tudo o que acontece e se projeta sobre sua superfície. O símbolo não é evidentemente menos irreduzível que o simbolizado, a sublimação não é menos irreduzível que o sublimado. [...] Isto não quer dizer que o pensamento pensa na sexualidade, nem o pensador no casamento. É o pensamento que é a metamorfose do sexo, o pensador a metamorfose do casal. Do casal ao pensamento, mas o pensamento reinveste o casal como diade e acasalamento. Da castração ao pensamento, mas o pensamento reinveste a castração como fissura cerebral, linha abstrata.” (DELEUZE, 2015, p. 227). Como veremos a seguir, é a complementaridade dos processos de sublimação e simbolização que uma teoria da origem sexual da linguagem deve ser capaz de demonstrar, caso contrário, ela correria o risco de ser reducionista, incorrendo numa espécie de psicologismo ao fundamentar a função referencial da linguagem num materialismo mecanicista.

²⁰⁶ Para compreendermos este mecanismo da linguagem e o papel que as palavras-valise cumprem nele, Deleuze nos oferece um exemplo na “Sétima série”: “Assim, no que se refere [por exemplo, à palavra-valise] ‘furiante’ (furioso e fumante): ‘Se vossos pensamentos se inclinam por pouco que seja do lado de fumante, direis fumante-furioso; se eles se voltam, ainda que com a espessura de um fio de cabelo, do lado de furioso, direis furioso-fumante;”

precisamos então distinguir duas dimensões do sentido na linguagem: aquele oriundo da superfície física dos corpos, onde as palavras se ligam diretamente às pulsões que as produzem, e ainda um outro que restaure a plena autonomia da linguagem enquanto dimensão própria do pensamento e, por isso, separado dos corpos, onde o sentido pode se apresentar como neutro e impassível:

A organização da superfície física não é ainda sentido; ela é, ou antes, ela será co-sentido. Isto é: quando o sentido for produzido sobre uma outra superfície [a do pensamento] haverá também este sentido. De acordo com o dualismo freudiano, a sexualidade é o que é também – e por toda parte e durante todo o tempo. Não há nada cujo sentido não seja *também* sexual, segundo a lei da dupla superfície. **Convém ainda esperar por este resultado que não acaba, esta outra superfície [neutra e impassível do sentido], para que a sexualidade se faça seu concomitante, co-sentido do sentido e que possamos dizer [que a sexualidade é] ‘por toda parte’, ‘em todos os tempos’, ‘verdade eterna’.** (DELEUZE, 2015, p. 240, grifo nosso)

Assim, a teoria deleuziana da origem sexual da linguagem não se pretende reducionista, na medida em que ela não pretende reduzir todos os fenômenos da linguagem a uma teoria materialista das pulsões corporais e de como o conteúdo semântico é, em última análise, reduzido a uma rede de causas mecânicas. Sua pretensão é deduzir a gênese da dimensão objetiva e neutra da linguagem, uma vez que, do ponto de vista da linguagem constituída, esta parece ser sua principal função, ao invés de ela servir somente para expressar algum conteúdo psicológico desprovido de realidade para além do sujeito que a enuncia, isto é, manifestar o sujeito na proposição.

A questão reside, pois, em como este pensamento neutro sobre a realidade pode se apoiar em pulsões oriundas do próprio sujeito para, então, mediante uma série de disfarces e imitações,

mas se tendes este dom raríssimo, ou seja, um espírito perfeitamente equilibrado, direis furiente.’ A disjunção necessária não é, pois, entre fumante e furioso, pois podemos muito bem ser as duas coisas ao mesmo tempo, mas entre fumante-e-furioso, de um lado e, de outro, furioso-e-fumante. Neste sentido, a função da palavra-valise consiste sempre em ramificar a série em que se insere. [...] quando a palavra esotérica não tem somente por função conotar ou coordenar duas séries heterogêneas, mas além disso introduzir nelas disjunções, então a palavra-valise é necessária ou necessariamente fundada; isto é, a própria palavra esotérica é então ‘chamada’ ou designada por uma palavra-valise.” (DELEUZE, 2015, p. 49-50). Assim, o que o caso da palavra-valise *furiente* tomado de Lewis Carroll nos mostra é que há, no que é expresso por certas palavras, uma ambiguidade semântica que não pode ser reduzida, ainda que ela seja ocasionalmente solucionada, por sua atualização na expressão. Talvez seja até necessário se convencionar o significado de *furiente* para que ela signifique fumante-e-furioso ou furioso-e-fumante, contudo, a atualização de uma dessas possibilidades como sendo o significado da palavra não exclui a possibilidade inerente ao expresso, que envolve o outro membro disjunto. Por conseguinte, a irredutibilidade da disjunção inclusiva no sentido da palavra-valise é, para nós, o que a torna tão importante para Deleuze em sua teoria da origem sexual da linguagem, uma vez que esta deve explicar tanto a possibilidade do conteúdo sexual aparente do pensamento, quanto sua capacidade de sublimação, isto é, de neutralização do conteúdo sexual aparente para uma existência somente latente da sexualidade no pensamento – processo este que ao invés de tornar o pensamento um meio neutro desprovido de conteúdo sexual, torna este conteúdo sua alteridade irredutível, porém sempre presente enquanto possibilidade recalcada e que pode subitamente retornar à superfície.

se religar ao plano objetivo do ser que é sua causa de existência, expressando-o, ao mesmo tempo em que elude sua origem física. A linguagem torna-se, então, inscrição em duas superfícies irreduzíveis, apesar de misturadas: numa primeira dimensão, sob o ponto de vista do plano dos corpos, ela encontra sua origem nas pulsões narcísicas e nelas insiste/depende; numa segunda dimensão, sob o ponto de vista do pensamento, ela é neutra e dessexualizada, sendo por direito objetiva e livre de qualquer determinação psicológica. E tanto quanto as palavras-valor não podem ter o seu conteúdo semântico atualizado sem fazer coexistir a possibilidade de seu outro membro disjunto, a própria linguagem, que delas depende, não pode ser possível sem a condição do sentido que não é designado, manifestado ou significado, de acordo com as três dimensões da proposição, pois como afirma Deleuze:

Eis por que quando uma outra superfície se desenvolve [a superfície metafísica do pensamento] com outros efeitos que fundam, enfim, as designações, as manifestações e as significações sob o título de unidades linguísticas ordenadas, os elementos como os fonemas, os morfemas e os semantemas parecem retomados neste novo plano, mas parecem perder toda sua ressonância sexual, esta parece reprimida ou neutralizada e as séries de base [da superfície física] varridas pelas novas séries de amplitude [neutra]. Tanto que a sexualidade não existe mais senão como alusão, vapor ou poeira que dá testemunho de um caminho pelo qual a linguagem passou, mas que não cessa de jogar fora, de apagar como uma dentre tantas lembranças de infância extremamente incômodas. (DELEUZE, 2015, p. 250)

Não acidentalmente, o co-sentido sexual se apresenta, do ponto de vista de todo sentido neutro e impassível, como não-sentido, mas que, justamente por esta razão, goza de uma alteridade irreduzível e que insiste na própria identidade: ‘a verdade eterna’, como nos diz Deleuze, aponta para o fato de que o Mesmo é desde sempre um aspecto do Outro²⁰⁷. De todo modo, do sistema ou série física ou corporal à metafísica ou mental, a energia libidinal deve ser reinvestida e dessexualizada, o que se pode fazer apenas sob a condição da hipótese de uma repressão secundária²⁰⁸ que integra ambas as séries ao mesmo tempo em que as faz ressoar, isto é, retroagirem uma sobre a outra. E é enquanto causa dessa repressão que podemos localizar a função simbólica do falo.

O deslocamento do falo enquanto objeto = X, isto é, enquanto causa que se manifesta por seu deslocamento na estrutura, é condição de possibilidade da linguagem na medida em que

²⁰⁷ Gostaríamos, de sugerir, mais uma vez, a leitura do texto “Conhecimento e necessidade: a problemática da liberdade no estruturalismo francês”, onde indicamos de que modo este Outro estruturado simbolicamente pode ser habitado por diferentes sujeitos, cuja identidade é constantemente contestada precisamente por serem secundários com relação ao Outro do qual dependem ontologicamente.

²⁰⁸ Dita secundária com relação à repressão primária que se realiza no próprio corpo e funda a superfície física, onde as pulsões destruidoras são convertidas em sexuais.

doa a presença ao ser que ele se subtrai, pois a própria lei ou interdição que ele representa pode apenas funcionar sob a condição da lei significante: seu sentido pode ser apenas determinado por ainda um outro significante e assim por diante, de modo que a instância que exerce o poder e interdita encontra-se imediatamente excluída do domínio interditado. Do mesmo modo, o sentido da linguagem deve neutralizar seu co-sentido sexual para que ele possa se separar do plano dos corpos:

Ora, é certo que, assim como a superfície física é uma preparação da superfície metafísica [do pensamento], a organização sexual é uma pré-figuração da organização da linguagem. O falo desempenha um grande papel nas etapas do conflito boca-cérebro, a sexualidade mesma é intermediária entre comer-falar, e ao mesmo tempo em que as pulsões sexuais se destacam das pulsões alimentares destruidoras, elas inspiram as primeiras palavras feitas de fonemas, morfemas e semantemas (DELEUZE, 2015, p. 249).

O falo enquanto significante flutuante que excede os seus significados contingentes é também um significado destacado/excessivo, um semantema que faz as séries de morfemas convergirem. Assim, os fonemas não são apenas reproduzidos pela criança, mas acabam por adquirir a capacidade de se aglutinar em totalidades providas de sentido, os morfemas, que podem então agir como significantes e que, conseqüentemente, precisarão ter seu sentido determinado por novos significantes, introduzindo assim semantemas no sistema da linguagem infantil. Neste sentido, o deslocamento do significante fálico não é somente concomitante à entrada da criança no domínio simbólico, mas sua projeção imaginária na zona oral é condição para isso. Dessa maneira, surge uma máquina de produção significante, onde energias pulsionais oriundas do corpo são constantemente reinvestidas na zona oral pela atividade cerebral e concomitantemente sublimadas pelo pensamento e simbolizadas na/pela linguagem²⁰⁹.

3. O ETERNO RETORNO DO MESMO: UM DELEUZE IDEALISTA?

Se podemos considerar a linguagem como um sistema foneticamente estruturado pela fala, como quis o fonologismo platônico, podemos apenas compreendê-lo em sua estrutura diferencial, que integra uma série fonética em constante diferenciação e uma série intensivo-libidinal em constante transformação, como nos diz Deleuze: “Mas em que medida podemos

²⁰⁹ Em outro texto, Deleuze nos afirma precisamente isto lembrando-nos o papel do falo dentro da estrutura da produção: “Como diz Lacan, [o sujeito] é menos sujeito que assujeitado – assujeitado à casa vazia, assujeitado ao falo e aos seus deslocamentos” (DELEUZE, 2006 [A ilha deserta], p. 244).

ligar assim os fonemas com as zonas erógenas, os morfemas com o estágio fálico, os semantemas com a evolução de Édipo e o complexo de castração?” (DELEUZE, 2015, p. 237).

A gênese dinâmica do pensamento/linguagem que começa na “Vigésima sétima série” da **Lógica do sentido** e parece culminar na “Trigésima segunda série” busca responder precisamente àquelas questões. É neste passo que o movimento imanente que vai das zonas erógenas, à organização destas pelo estágio fálico e à concomitante entrada da criança no domínio simbólico da linguagem, isto é, no domínio dos significantes, a partir do significantemente, o falo, e do complexo edipiano²¹⁰ é deduzido. *Grosso modo*, o esquema da aquisição da linguagem seria: diferenças fonéticas são introjetadas (a criança ouve ruídos sem sentido e os reproduz, produzindo e ao mesmo tempo reinvestindo pulsões de seu corpo) → as diferenças fonéticas passam a formar blocos e surgem os morfemas (a criança começa a compreender as regras de combinação entre fonemas de modo a ligá-los consistentemente, formando assim palavras esotéricas) → o aparecimento dos morfemas leva às cadeias significantes e ao destacamento de um significado excessivo, produzindo os semantemas (a criança começa utilizar as possibilidades de conjuntos semânticos ligados equivocadamente nas palavras-valise e a linguagem se dessexualiza com a resolução do complexo edipiano). Deste modo, os fonemas teriam um lugar privilegiado quanto à gênese da linguagem, engendrando seus morfemas e semantemas²¹¹.

²¹⁰ Como nos diz Deleuze acerca do papel do significante fálico na estrutura, não podemos tomá-lo como um símbolo de um dado natural ou instintivo, mantendo alguma espécie de semelhança com o órgão sexual masculino, o pênis, pois, “o falo aparece não como um dado sexual nem como a determinação empírica de um dos sexos, mas como o órgão simbólico que funda *toda* a sexualidade como sistema ou estrutura, e com relação ao qual se distribuem os lugares de modo variável pelos homens e pelas mulheres, e também as séries de imagens e de realidades.” (Idem, p. 241). Ao que ele prossegue: “O falo, evidentemente, não é uma última resposta. É mesmo, antes, o lugar de uma questão, de uma ‘pergunta’ que caracteriza a casa vazia da estrutura sexual.” (Idem, p. 242). Dito de outro modo, o que o significante fálico coloca em movimento por meio de seu mecanismo de projeção não é a realidade imediata do sexo como um dado natural à espécie humana, mas a série de disfarces e transformações que a sexualidade se utiliza inclusive para se dessexualizar e tornar possível a própria emergência da linguagem e suas significações “naturais”.

²¹¹ Parece, neste sentido, que a filosofia deleuziana do período pré-Guattari pode ser localizada dentro da tradição fonologista da linguística, o que nos ajuda a precisar ainda outro ponto de ruptura na filosofia deleuziana posterior, que buscará se filiar à tradição pragmática, pois como ele nos diz em uma entrevista sobre os **Mil platôs**: “a princípio [a linguística] tinha sido fonológica, depois sintática e semântica, mas cada vez mais tornava-se uma pragmática. Por muito tempo a pragmática [...] foi considerada a ‘cloaca’ da linguística, mas agora sua importância cresce a cada dia: uma tal colocação em ato da língua faz com que as unidades ou constantes abstratas da linguagem tenham cada vez menos importância. Esse movimento atual de pesquisa é bom porque permite precisamente os encontros, as causas comuns, entre romancistas, linguistas, filósofos, ‘vocalistas...’ etc” (DELEUZE, 2013, p. 41). E aqui poderíamos incluir o próprio Deleuze nessa lista em sua fase pragmática. No entanto, com relação ao período de **Lógica do Sentido**, esta hipótese do fonologismo deleuziano parece tornar pelo menos inteligível uma estranha passagem da resenha de Michel Foucault ao **Diferença e repetição** e **Lógica do sentido**, onde ele busca antecipar e salvar o colega contra uma possível crítica derrideana, que foi realizada contra o empreendimento

Ora, mas se para Deleuze, a linguagem é pura produção de pensamento e ser, o que nela permanece? Isto é, se todas as categorias estáveis e rígidas se perdem no devir, existe algo que permanece ao devir? A resposta deleuziana para tal questão – e que é também onde reside sua verdadeira reversão do platonismo – é: seu devir, sua capacidade produtiva. É somente o devir que é dito sempre o mesmo com relação ao ser da linguagem. Todas as diferenças são ditas de um mesmo que se preserva, apesar da diferença. Ora, mas não seria exatamente este o problema de Platão no **Crátilo**: a investigação daquilo que apesar da diversidade e da diferença permanece o mesmo e que faz os diferentes serem o que são (enquanto diferentes do mesmo) e que também é sua própria essência, imutável e eterna?

Assim, a tese de Alain Badiou, para quem Deleuze revitalizou o idealismo de forma mais notável na filosofia contemporânea (BADIOU, 1997, p. 37), parece se confirmar a partir de um percurso exegético um tanto irônico: sua crítica ao platonismo sob a forma de sua filosofia da linguagem parece refundar uma nova modalidade de idealismo²¹². Partindo de uma

fonológico da linguística, afirmando que “Gostaria de falar do fonocentrismo rigoroso de Deleuze, se não se tratasse de um perpétuo fonodescentramento” (FOUCAULT, 2000, p. 241). Assim, uma possível crítica derrideana acerca da metafísica da presença e do fonocentrismo que atingiria o sistema deleuziano parece ser *a priori* descartada por Foucault porque o sistema fonocêntrico deleuziano se constitui sob a condição de uma estrutura diferencial do ser, e não da presença de uma suposta identidade fundante da linguagem.

²¹² Ademais, ganhamos neste percurso uma importante compreensão do que une e ao mesmo tempo distancia Deleuze de Derrida, ou, em outras palavras, a psicanálise (ou esquizoanálise) da desconstrução: enquanto que para o primeiro o devir se faz presente na linguagem, produzindo seres que são reificações, ou momentos estáticos seus, para o segundo, o devir ocorre como efeito secundário na linguagem, pois a ausência constitutiva do ser impossibilita-o de se fazer presente na linguagem, e é esta (não)estrutura diferencial que produz o devir. Ambos convergem quanto à estrutura necessariamente reificante da linguagem produzir mistificações inerentes ao pensamento (sob a forma da eternidade, da impossibilidade do devir etc. que traduzem tal efeito estrutural de clausura ontológica). Um caso desta convergência teórica se encontra na crítica à filosofia da representação presente nesses autores, como aponta Badiou (1997, p. 16). Contudo, ainda assim ambos os filósofos partem de pressupostos completamente distintos (e até antagônicos): o devir é substância (Deleuze) ou fenômeno (des)substanciado e bem fundado (Derrida)? Tal divergência parece ter sido precisamente formulada por Žižek: “Deleuze se utiliza da Substância-Uma como o meio indiferente da multitudine; Derrida investe isso na Alteridade radical que difere de si mesma” (ŽIŽEK, 2008, p. 58). Em suma, para retomarmos o problema de filosofia da linguagem e sua história, que animou nossa investigação: a real oposição reside entre uma concepção de ontologia que só se deixa nominar de modo equívoco (Deleuze) e aquela que, por não poder ser nomeada, produz equivocidade (Derrida). Em termos epistemológicos, tal distância que separa ambos os autores não poderia ser melhor percebida senão pelo otimismo que Deleuze apresenta com relação a certas análises em sua possibilidade de conhecer a estrutura do ser (é isto que o leva, por exemplo, a se comprometer ontologicamente com a noção de inconsciente, seja para fazer psicanálise ou esquizoanálise), em oposição ao distanciamento crítico que Derrida assume de não se comprometer ontologicamente com nenhum modo de presença do ser, o que, em seus termos, significa não subscrever a nenhum projeto fundacionista (cf., por exemplo, “A diferença” de **Margens da filosofia**). Durante o colóquio **Nietzsche hoje?**, de 1972, Deleuze viria a expor explicitamente a sua diferença com relação à desconstrução de Derrida nos seguintes termos: “Quanto ao método da desconstrução dos textos, vejo bem o que ele é, admiro-o muito, mas ele nada tem que ver com o meu. Não me apresento, absolutamente, como um comentador de textos. Um texto, para mim, é apenas uma pequena engrenagem numa prática extratextual. Não se trata de comentar o texto por meio de um método de desconstrução, ou de um método de prática textual, ou de outros métodos, trata-se de ver para que isto serve na prática extratextual que prolonga o texto.” (DELEUZE, 2006, p. 328-9), não é justamente essa diferença que marca

definição comum de idealismo como sendo uma tese que sustenta a realidade objetiva das ideias, então, ao menos em certo sentido, é precisamente tal realidade objetiva que o sistema deleuziano sustenta naquele período, pois como ele nos diz em **Diferença e repetição**: a “Ideia é real sem ser atual” (DELEUZE, 2018 p. 282)²¹³.

Talvez este seja o pano de fundo da tese de Badiou segundo a qual:

O platonismo não é um destino, é um contra-destino necessário, a recaída dos dados confundida com a única jogada, a potência do aberto projetada sobre distribuições fechadas. O platonismo não cessará de ser revertido, porque desde sempre foi revertido. Deleuze é o momento contemporâneo dessa reversão (BADIOU, 1997, p. 121).

Seja como for a querela acerca da correta ou não interpretação do sistema platônico por Deleuze, coube a ele realizar o projeto **Crátilo** (ainda que à revelia de certo Platão): a psicanálise demonstrou a gênese dinâmica do pensamento, e daquilo a que ele se refere, o ser, a partir da linguagem, a partir do modo como “naturalmente” significamos o mundo – ou seja, deduzindo as condições de possibilidade da linguagem em geral e demonstrando como ela adquire sua capacidade de denotar estados de coisas, manifestar sujeitos e significar conceitos. Neste sentido, e aqui está o deslocamento radical das muitas filosofias tradicionais do significado e sentido e mesmo parte importante do embate natureza convenção, a significação natural não apreende nada de natural às coisas: antes de mais nada, ela cria, ou produz, aquilo que percebemos como “natural” às coisas, como suas propriedades eternas e intrínsecas. O termo “natural” aí indica mais uma ironia do que uma existência externa e necessária ao sujeito que a contempla, dado que o modo pelo qual natural ou espontaneamente apreendemos a linguagem é, ele próprio, fruto de uma irrupção violenta que perturba a ordem natural e indistinta das coisas, onde os sons e vocalizações começam a se tornar cada vez mais consistentes, formando fonemas, que ainda assim carecem de sentido, mas que são capazes de formar morfemas e estes, em última análise, semantemas. Em suma, para Deleuze de 1969 (e a psicanálise), a linguagem não reconhece essências a partir do mesmo, separando-o do outro, mas a partir do mesmo (fonemas ainda semanticamente indistintos), ela cria a diferença (a multiplicidade dos morfemas e semantemas, que, por sua vez, são reinseridos nas séries,

a diferença de leitura que faz Derrida – cf. “Força e significação” de **A escritura e a diferença** – da que faz Deleuze – cf. “Décima sexta série” de **Lógica do Sentido** – do **Ensaio de teodiceia** de Leibniz? Enfim, parece ser esta, na filosofia contemporânea, a principal distância teórica que separa a psicanálise/esquizoanálise, enquanto discurso da estrutura diferencial do ser, da desconstrução, enquanto método hermenêutico do discurso.

²¹³ Certamente, tal afirmação deve ser lida em conformidade com sua teoria do virtual, cujos desenvolvimentos, no entanto, deixaremos para outra oportunidade.

produzindo uma nova associação de fonemas etc.)²¹⁴ Uma irônica lição (anti)platônica que afirma que o *mesmo* apenas retorna enquanto *outro*²¹⁵.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova cultural, 1987.

BADIOU, Alain. **Deleuze: o clamor do ser**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorjge Zahar Ed., 1997.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. Trad. Luiz B. L. Orlandi et al. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs** (v. 2). Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2011.

²¹⁴ Gostaríamos de repetir aqui a indicação do capítulo/aula 3 de nossa apostila **Lógica I**.

²¹⁵ É digno de nota que o próprio Deleuze reconheceu em 1967, durante debates promovidos pela Sociedade Francesa de Filosofia, a possibilidade de sua filosofia atualizar pelo menos certo modo de platonismo, em razão à objetividade que ele atribuía ao conceito de Ideia enquanto inesgotável fonte virtual do atual: “[Alexis Philolenko] – Mas – quero permanecer no plano da lógica e mesmo da lógica transcendental, sem empenhar-me na psicologia – se o senhor repele toda ilusão para o lado do constituído, sem admitir uma ilusão na gênese, na constituição, não estará retornando, no fundo (o que, então, o senhor queria evitar) a Platão, para o qual, justamente, a constituição, compreendida a partir da Ideia, à medida que pode ser compreendida, é sempre veraz, verídica? [Gilles Deleuze] – Sim, talvez. [Alexis Philolenko] De tal como que, do lado da especificação e da multiplicidade, provaríamos, em definitivo, a mesma verdade que em Platão, e teríamos a mesma ideia do verdadeiro, quero dizer: a simplicidade do verdadeiro sempre igual a si mesmo na totalidade de sua produção? [Gilles Deleuze] – [Sim, mas] Já não seria esse Platão aí. **Se se pensa no Platão da última dialética, em que as Ideias são um pouco como multiplicidades que devem ser percorridas pelas questões como? quanto? em qual caso? então sim, tudo que digo me parece platônico, com efeito.** Se se trata, ao contrário, de um Platão partidário de uma simplicidade de essência ou de uma ipseidade da Ideia, então não”. (DELEUZE, 2006, p. 154, grifo nosso). Seria interessante contrastar tal solidariedade de Deleuze para com um certo Platão naqueles anos iniciais de sua carreira e sua enfática recusa com relação ao mesmo, que constituirá o pano de fundo de seu debate com Badiou, já por volta do final da década de 80 e início da de 90 do século passado.

- DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DERRIDA, J. J. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva et al. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014.
- DERRIDA, J. J. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa et al. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1991.
- FOUCAULT, Michel. “Theatrum Philosophicum”. In: **Ditos e escritos; II**. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- MORAIS, L. I.; PIAUÍ, W. S. et al. (org.). **Mônada e ainda uma vez substância individual**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.
- PIAUÍ, W. S. (org.). **Leibniz e a linguagem I: línguas naturais, etimologia e história**. Curitiba: Kotter, 2019.
- SOUZA, Luciano Ferreira de. **Crátilo: estudo e tradução**. 2010. 200f. (tese) – DLCV, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Órgãos sem corpos: Deleuze e suas consequências**. Trad. Manuella Assad Gómez. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Sexo e absoluto falhado**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2020.